

#cm
2
QUARTA-FEIRA

A photograph of Frejat, a Brazilian musician, playing an electric guitar. He is wearing a dark, patterned shirt and has his eyes closed, appearing to be in a state of musical immersion. The background is a dark, textured blue.

Frejat em modo MPB Blues

Apaixonado pelo ritmo nascido no **Mississipi (EUA)**, cantor, guitarrista e compositor **revela clássicos da MPB** em **releituras blues** em série de **apresentações exclusivas** no Teatro Casa Grande. Página 2

Gêneros unidos pelos sons da diáspora africana

AFFONSO NUNES

Durante mais de uma década, a ideia de um espetáculo dedicado ao blues brasileiro habitou os planos de Frejat. Quando finalmente ganhou forma, em 2023, “Frejat em Blues” rapidamente se consolidou como um dos projetos mais celebrados da carreira do cantor. Agora, o show retorna ao Teatro Casa Grande em apresentações exclusivas, destinadas apenas a convidados, nesta quarta-feira (21) e nos dias 27 e 28. O repertório privilegia uma leitura particular do gênero estadunidense filtrado pela sensibilidade da canção popular brasileira, reunindo composições de Luiz Melodia, Rita Lee e as célebres parcerias do músico com Cazuza em novos arranjos.

A proposta marca um caminho diferente daquele trilhado nos anos 1990 pela Midnight Blues Band, projeto que reuniu Frejat, Dé Palmeira (baixo), Guto Goffi (bateria), Fernando Magalhães (guitarra), Zé da Gaita (vocal e gaita) e Maurício Barros (teclados), além de convidados, em torno de standards do blues e do soul americanos. “Aquilo era uma loucura, era tanta gente que eu tinha que ensaiar com um apito”, relembra Frejat, com bom humor, sobre a experiência anterior.

Desta vez, o foco recai sobre a produção nacional, explorando as conexões entre o blues do Delta do Mississippi e as esquinas brasileiras, do Estácio às criações autorais que marcaram a trajetória do cantor.

No centro deste repertório especialíssimo está Luiz Melodia, artista que Frejat acompanha desde o Festival Abertura e con-

sidera referência essencial para compreender o blues feito no Brasil. “Acho que o Melodia é a grande personificação desse conceito todo, do blues brasileiro”, afirma o cantor. De fato, Melodia representa uma ponte natural entre a tradição afro-americana do gênero e a expressão musical brasileira. Sua obra incorporava elementos do samba, do blues e do soul.

Além das composições de Melodia, o show inclui músicas da parceria entre Frejat e Cazuza, como “Blues da Piedade” e “Bilhetinho Azul”, já gravadas como blues. Também integram o repertório “Amor Meu Grande Amor”, de Angela Ro Ro e Ana Terra, faixa sempre presente nos shows do músico, e “Esquinas”, de Djavan. O setlist ainda traz canções “bluesificadas”, caso de “Me Dê Motivo”, uma potente balada de R&B composta por Sullivan e Massadas e eternizada pelo vozeirão de Tim Maia.

A direção musical fica a cargo de Frejat e Rafael Frejat (seu filho), que dividem a responsabilidade de conduzir uma formação instrumental no melhor estilo big band reunindo Bruno Migliari (baixo), Marcelinho da Costa (bateria), Humberto Barros (teclados), além de uma seção de sopros composta por José Carlos Bigorna (saxofones), Marlon Sette (trombone) e Diogo Gomes (trompete). Os vocais de apoio ficam com as cantoras Jussara e Bettina Graziani.

A formação, destaca Frejat, permite explorar camadas harmônicas e texturas que dialogam tanto com a tradição do blues elétrico quanto com as orquestrações características da música popular brasileira num encontro entre tradições musicais que, mesmo geograficamente distantes, compartilham raízes comuns na diáspora africana.

O blues nasceu no sul dos Estados Unidos, no final do século 19, como expressão musical dos afro-americanos que viveram sob o jugo da escravidão e da segregação racial. Originado nas lavouras do Delta do Mississippi como cantos de trabalho de tradição oral africana com temáticas de melancolia, lamento e resistência. Robert Johnson foi o grande nome da fase acústica (e rural) do gênero, que ganhou versões eletrificadas a partir de nomes como Muddy Waters e B.B. King. A partir dos anos 1950, o blues influenciou decisivamente a formação dos gêneros como o rock, rhythm and blues e o soul. Sob a influência do blues, nomes como Elvis Presley, Beatles, Rolling Stones e Led Zeppelin tornaram-se fenômenos musicais do século 20.

SERVIÇO

FREJAT EM BLUES*

Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290 - Leblon)

Dias 21, 27 e 28/1, às 20h

*Apresentações exclusivas para convidados

Diferente dos tempos da Midnight Blues Band, Frejat troca os standards do blues por releituras da canção brasileira sob o filtro do gênero nascido no Delta do Rio Mississippi

CRÍTICA DISCO | CHIAROSCURO

POR AQUILES RIQUE REIS*

Um Arrigo Barnabé como você nunca ouviu

O álbum sobre o qual trataremos hoje, certamente, surpreenderá os admiradores do compositor, cantor e pianista londrinense Arrigo Barnabé, mesmo aqueles que o acompanham desde o início. Sim, porque ao ouvir “Chiaroscuro – Wálztes by Arrigo Barnabé” (ADS), talvez venha à mente o mesmo estranhamento de quando ouviram suas composições pela primeira vez: músicas absolutamente diferenciadas das de outros grandes compositores da época, melodias inusuais, gêneros musicais escassamente estudados e pleno de soluções harmônicas absurdamente imprevisíveis. Enfim, um criador incomparável em sua criatividade.

Quem se propôs a essa tarefa foi o pianista Paulo Braga. Além de músico, Braga é compositor e educador, com sólida formação na música instrumental brasileira. Formado em piano pelo Conservatório de Tatuí (SP), foi professor da Unicamp e atuou como coordenador artístico e pedagógico da Emesp Tom Jobim. Sua parceria artística com Arrigo teve início em 1988 e



Gal Oppido/Divulgação

Ao selecionar, temas de Arrigo Barnabé para este tributo, Paulo Braga fez-se parceiro do paranaense, tamanha a dimensão libertária dada às valsas pelo seu piano



se estende por diversos formatos de grupos, óperas e trilhas de cinema.

Foi através de nove valsas compostas entre os anos 1970 e 2010 que Paulo Braga idealizou “Chiaroscuro”. Claro que vocês, admiradores de Arrigo, conhecem a concepção de cada uma. Mas talvez não conheçam, ainda, as peças para as

quais Paulo Braga descortinou vida própria, para além de sua originalidade, renovando-as em improvisações que clamam por respirar os mesmos ares sob os quais Arrigo os concebeu. Ouso mesmo dizer que Braga fez-se parceiro de Arrigo, tamanha a dimensão libertária dada às valsas pelo seu piano, inclusive

aquelas que, originariamente, têm letras. Reconstruindo-as todas com interpretações, em que o experimentalismo vibra pelos seus dedos, resultando num imenso caleidoscópio – diria mesmo que se pode pegar o seu sabor universal e vanguardista com a mão.

Encantemo-nos todos com “Londrina”, composta por Arrigo em 1978, um de seus primeiros movimentos para dialogar com a tradição da canção brasileira; “Cidade Oculta” (AB, Eduardo Gudin e Roberto Riberti), feita para o filme homônimo de 1986, dirigido por Chico Botelho; “Luzes e Sombras”, composta para o longa Oriundi, de 2000, dirigido por Ricardo Bravo; e “Ano Bom”, (AB e Luiz Tatit).

E mais: “Sinhazinha em Chamas”, “Luar”, “Vai, Menina, Vai (Anita)”, “Todo Coração” e “Lenda”, que contemplam uma pequena parte da trajetória produtiva de um compositor que se distingue pela ousadia delirante de buscar beleza no (des)compasso e na (des)estrutura da música, como forma de revolucioná-la. Virtude captada pela eloquência avassaladora do piano de Paulo Braga. Ouça o álbum em <https://l1nq.com/nDINT>

Ficha técnica

Produção artística e arranjos: Paulo Braga; produção musical: Gustavo Cândido; técnico de piano: Djalma Carvalho; capa: Fábri- ca, Roger Barnabé; gravação: Estú- dio Monteverdi.

*Vocalista do MBP4 4 escritor

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES



Divulgação

Noite de improvisos

A clarinetista Joana Queiroz se apresenta nesta quarta-feira (21), às 20h30, na Audio Rebel, acompanhada pelo baixista Bruno Aguilar, o pandeirista Sergio Krakowski e o pianista Marcelo Galter. O grupo executará composições autorais da artista, além de releituras de outros compositores, intercalando momentos de improvisação e diferentes formações instrumentais ao longo da noite. Aguilar e Queiroz tocam juntos desde os tempos da Itiberê Orquestra Família. Galter, natural de Salvador, atua como arranjador e produtor musical.



Rogério Faissal/Divulgação

Tributo a Tom e Vinicius

A cantora e compositora Lu Oliveira se apresenta nesta quarta-feira (21), às 20h no Blue Note Rio, interpretando clássicos da música brasileira. Acompanhada pelo trio formado por Rogério Guimarães (guitarra), Alex Rocha (baixo) e Helbe Machado (bateria), a artista executará canções como “Chega de Saudade”, “Corcovado”, “Água de Beber”, “Canto de Ossanha” e “Garota de Ipanema”, além de outras composições de Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Newton Mendonça, Carlos Lyra e Baden Powell.



Reprodução Instagram

O assunto é guitarra

Referência do instrumento na cena de jazz e blues no Brasil, o guitarrista Edgar Nyo se apresenta nesta quarta-feira (21) no Blue Note Rio com show-tributo a lendas da guitarra mundial. O músico, que já tocou ao lado de músicos como Larry Coryell, mestre do jazz fusion, receberá convidados especiais para interpretar canções de artistas como Jimi Hendrix, Stevie Ray Vaughan e Eric Clapton. A noite contará com clássicos do rock e blues, além de histórias sobre os homenageados. A apresentação acontece às 22h30.

ENTREVISTA | FRANCIS VOGNER DOS REIS

CINEASTA E COORDENADOR DA CURADORIA DA MOSTRA DE TIRADENTES

‘Cada experiência precisa ter o direito de surpreender ou decepcionar’



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Egresso do Grande ABC metalúrgico lá de São Paulo, Francis Vogner dos Reis viu o titã Carlos Reichenbach (1945-2012) filmar no seu bairro. Era “Garotas do ABC”, um cult mundialmente aclamado. Sem esquecer desse alumbramento, ele saiu de lá e firmou seu nome em diferentes geografias. O Festival de Locarno, na Suíça, foi uma delas: por lá passou, em competição, um filme que marcou sua estreia na direção, “Máquina Infernal” (2021), no qual mesclava fantasia a resquícios da vida operária. Já em Minas Gerais, Francis fez da Mostra de Tiradentes um veio para escoar inquietudes em relação à elasticidade de conceitos que, enrijecidos sob módulos teóricos de outrora, represam a força da imagem. Ele aposta em jorros e o faz em Tiradentes, que inaugura o ciclo anual dos festivais de cinema do Brasil, sempre em janeiro. Nesta sexta, começa a 29ª edição do evento, com tributo à atriz Karine Teles e projeção de “O Fantasma da Ópera”, nova joia do arquiteto da invenção Julio Bressane, rodado em duo com Rodrigo Lima.

No papo a seguir, Vogner desafia o mesianismo associado ao termo “curador”. Cabe a ele o exercício de ser coordenador de uma curadoria composta por Juliano Gomes e Juliana Costa (nos longas-metragens); Camila Vieira, Leonardo Amaral, Lorenna Rocha, Mariana Queen e Rubens Anzolin (nos curtas-metragens); com assistências de Barbara Bello (longas) e João Rego (curtas). A menina dos olhos da Mostra costuma ser a seção competitiva Aurora (que Francis herdou do crítico Cleber Eduardo, um pensador do audiovisual responsável por uma revolução na maratona mineira e na maneira de se selecionar filmes para festivais). Compõem a Aurora de 2026 “Vulgo Jenny” (Viviane Goulart, GO); “Sabes de Mim, Agora Esqueça” (Denise Vieira, DF); “Politiktok” (Álvaro Andrade, BA); “A Voz da Virgem” (Pedro Almeida, RJ); “Para os Guardados” (desali e Rafael Rocha, MG) e “Obeso Mórvido” (Diego Bauer, AM).

Nesta conversa, Francis fala da temática de Tiradentes, “Soberania Imaginativa”, e de liberdade.



Francis Vogner dos Reis, programador que cuida da coordenação de curadoria da Mostra de Tiradentes (MG)

De que maneira o coletivo de 137 filmes desta edição da Mostra colore a ideia de Soberania Imaginativa, costurando um novo (ou, no mínimo, alternativo) mapa de invenção (e/ou de resistência) em nosso cinema?

Francis Vogner dos Reis - A nossa orientação em Tiradentes é a busca por conformar em cada programação uma ampla diversidade imaginativa com a extensão e multiplicidade que um país continental como o Brasil pode ter. Disputamos o termo-valor “diversidade”. No nosso caso, divergimos de uma concepção de diversidade limitada e restrita à “algoritimização” dos produtos audiovisuais como se fossem estas experiências seguras expostas em baías para o consumo a gosto do freguês (risco zero:

receberá pelo que pagou) que rebaixa a sensibilidade ao médio, ao palatável, à fruição sem um desafio para um espectador ou espectadora que podem ser sempre ativos no pensamento e no coração durante a projeção de um filme; também não nos faz sentido uma diversidade de temas e de sujeitos no audiovisual restritos, limitados e rebaixados às formas (formatos, na verdade) e modos de trabalho criativo identificados com o regime estético hegemônico. E quando falamos em estética não perdemos de vista sua dimensão política, no sentido que uma obra é capaz de fazer ver, sentir e ouvir as coisas de um modo novo, de tornar visível aquilo que somos condicionados a não ver, não perceber e não estranhar. Em resumo: filmes que nos pedem com mais ou menos intensidade a suspensão de expectativas e acreditam na aventura

da percepção. Cada experiência precisa ter o direito de surpreender ou decepcionar. Não nos interessa fazer, num festival, o trabalho de eleger bons ou maus filmes. A nós interessa que esses filmes, muitas vezes instáveis, desloquem-nos, provoquem-nos a sair de nosso cadre narcisista que só busca a mera identificação – ainda que essa identificação seja nobre, moral ou confortável intelectualmente.

Como isso se dá em relação à tradição?

Se num passado nem tão distante os filmes desafiadores eram muito facilmente identificados com o que se chamou, em outras épocas, de cinema experimental, hoje, talvez, qualquer filme que rompa o pacto de uma cognitividade normativa parece inclassificável. A gente se interessa por isso. A so-

Leo Lara/Divulgação



O filme de estreia do paulista Francis Vogner dos Reis como diretor foi 'Máquina Infernal', exibido no Festival de Locarno, na Suíça, em 2021



Em Tiradentes, ele coordena um time de curadores formado por Juliano Gomes, Juliana Costa, Camila Vieira, Leonardo Amaral, Lorennna Rocha, Mariana Queen e Rubens Anzolin



Divulgação



Rafael Freire/Labareda Produções Cinematográficas e Tecnológicas

'O Fantasma da Ópera', de Julio Bressane e Rodrigo Lima é o título de abertura da 29ª Mostra de Tiradentes

Um dos concorrentes da Mostra Aurora 2026 é 'Vulgo Jenny', de Viviane Goulart



Divulgação

Carlos Francisco em 'Máquina Infernal', filme dirigido por Francis que concorreu em Locarno, em 2021

berania está aí, nessa liberdade de tomar caminhos alternativos para que se possa construir verdadeiramente, com autonomia e coragem, imagens de um país que historicamente, desde o poder, recusou essas imagens. É preciso que o cinema brasileiro assuma de maneira independente essa diversidade radical sem pudores. Na nossa programação, acreditamos que o caminho da soberania no audiovisual passa por uma disputa imaginativa que pede novos modos de ver, fazer, pensar o audiovisual brasileiro à altura da complexidade que ele tem.

Em 2002, o diretor Luiz Fernando Carvalho perguntou, num artigo sobre autorias, “para que serve um Godard?”, a fim de trazer a essencialidade da invenção no cinema. Apli-

cando essa provocação do realizador de “Lavoura Arcaica”: pra que “serve” um Bressane?

Eu não sei para o que serve um Julio Bressane, por isso seus filmes são fascinantes. Os filmes lançam desafios e estimulam o prazer. Os filmes do Bressane falam uma língua não codificada e ao mesmo tempo possuem uma pedagogia do sensível que se interessa por quem os vê porque não os subestima. Como Godard citado por você, Bressane sabe que seus filmes, se vistos com a abertura de espírito que pedem, acessam em nossa percepção dimensões que não conhecemos totalmente. O desconhecido é importante, é a opacidade, o indeterminado, o inconsciente.

Como se processa, na prática, a coordenação da

curadoria da Mostra?

De uma edição a outra, vemos e participamos de um processo de cartografia e compreensão do cinema brasileiro. Pela quantidade de filmes, somos divididos em duas equipes e criamos métodos para que todos os filmes sejam vistos, pelo menos por duas pessoas. No pouco tempo de que dispomos no processo, conversamos. Ainda que existam olhares diferentes, é preciso que tenhamos pontos em comum. Fazem parte das características do festival, filmes inquietos, que provoquem, que apostem na invenção, que elaborem coisas de modo instigante, que apostem na imagem, na imaginação do espectador e da espectadora. A temática, por exemplo, é algo que amadurecemos durante o ano, tendo em vista a experiência da edição anterior ou conjunturas específicas do audiovisual.

Que direção a mostra Aurora, que abriu veios preciosos nos anos 2010 e seguiu com descobertas, tomou nos últimos anos e que desenho veremos nesta edição?

Francis Vogner dos Reis: O cinema mudou muito, o audiovisual mudou muito. Os jovens realizadores mudaram muito. Hoje, o desejo de estreiar na Mostra Aurora está muito mais ligado ao desejo (político) de se identificar e se localizar num certo espectro do cinema brasileiro que entende que o realizador ou realizadora fazem parte de uma paisagem na qual não estão sós, mas possuem pares, interlocutores. Entendem que a estreia em Tiradentes possibilita uma vida pública diferente para seus filmes. Se num momento singular, a Mostra Aurora era também uma chance de início de carreira pública para cineastas desconhecidos, hoje as possibilidades de carreira se multiplicaram com labs (laboratórios) e festivais estrangeiros. A existência no mercado internacional pode consolidar uma assinatura individual, dar condições de carreira, ao cineasta de primeiro longa. A Aurora era, nos anos 2010, a afirmação a partir do novo, a afirmação de uma geração emergentes que entendia na prática a possibilidade de existir de um modo diferente no cinema brasileiro.

E hoje?

Hoje, a Mostra Aurora existe nesse cenário independente e de uma força simbólica já consolidada – ainda que não tenha mais o sabor de novidade, de descoberta geracional. Hoje a Mostra Aurora é a afirmação de uma certa postura de cinema, delinea essa multiplicidade de desejos ascendentes do cinema brasileiro que não cabem num projetinho de monocultura de certo cinema industrial obsoleto, verticalista e concentracionista. Veremos, este ano, filmes muito diferentes e de diversos cantos do Brasil. É uma responsabilidade histórica lutar para que esses cine-

mas – de pessoas, lugares, formas singulares - tenham continuidade. É uma questão de soberania, é uma responsabilidade com o futuro, uma atenção ao presente e uma dívida com as lutas passadas.

Qual foi o filme que te fez amar cinema? Que filme te fez entender (ou quase) o Brasil? Que filme te fez querer fazer filmes?

O filme que me fez amar o cinema muito cedo foi “O Terror das Mulheres”, de Jerry Lewis. O filme que me colocou em relação complexa e fértil com o Brasil... sei lá... foram vários: “Sem Essa Aranha”, “Limite”, “Carnaval Atlântida”, “O Viajante”, “Talentos Demais”, “Amélia”, “Boca do Lixo” (do Eduardo Coutinho), “Que Fim Levou A Mocinha Da Sauna Mista?”, “Ori”, “Tabu”, “A Longa Noite do Prazer”, “Ladrões de Cinema”. Que filme me fez querer fazer filmes? “Alma Corsária”, “O Homem Não É Um Pássaro”. Mas há outras coisas que não filme que nos fazem ter vontade de cinema também.

E que filme te lembra que ser curador é uma arte?

Não acho que curadoria seja arte. Acho que inclusive o termo “curadoria” foi inflado messianicamente, na última década no Brasil. Se tornou uma função teórico-política, um braço de disputadas da política acadêmico-departamental ou mesmo um modo de intervenção que mais pensa no campo do que nos filmes. Era comum vermos textos curatoriais que não falavam de filmes, mas de epistemologias curatoriais. Enfim, existe também uma dimensão do poder key keeper típico do mundo das artes visuais, mas, no cinema, a coisa ainda é mais plebeia, e essa figura do curador tem teto baixo. Prefiro o termo programador, prefiro programação à curadoria, e isso não quer dizer que eu ignore as implicações políticas da atividade. Sim “política está em tudo”, mas nem tudo é político da mesma forma, correto? É preciso ter isso em vista.



Felix Dickinson/Divulgação

Em 'Rosebush Pruning', Karim Aïnouz dirige Elle Fanning, Jamie Bell, Callum Turner, Lukas Gage (em pé), Riley Keough e Tracy Letts (sentados)

Brasil volta ao abraço do Urso de Ouro

Filmes estrangeiros de artistas de nacionalidade brasileira como Beth de Araújo, Karim Aïnouz e Adolpho Veloso concorrem no Festival de Berlim, que tem onze filmes nacionais em exibição

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

FILMES EM COMPETIÇÃO PELO URSO DE OURO 2026

Um ano depois da conquista do Grande Prêmio do Júri da Berlinale, numa vitória de "O Último Azul" (hoje em cartaz no Estação Botafogo e já na grade da Netflix), o festival alemão, respeitado como uma das três maiores mostras de cinema do mundo (ao lado de Cannes e de Veneza) volta a acolher artistas do Brasil em sua competição oficial. Beth de Araújo, americana de San Francisco, filha de um brasileiro (de quem herdou nacionalidade), e o cearense Karim Aïnouz vão concorrer ao Urso de Ouro no evento, agendado de 12 a 22 de fevereiro. O anúncio foi feito na manhã do feriado de 20 de janeiro.

Beth disputa com "Josephine", no qual uma menina de oito anos (Mason Reeves) fica mexida internamente após testemunhar um crime no Golden Gate Park. Channing Tatum é o astro de maior prestígio em cena.

Já Karim, que esteve em con-

*"At The Sea", de Kornél Mundruczó
 *"Dao", de Alain Gomis
 *"Dust", de Anke Blondé
 *"Home Stories", de Eva Trobisch
 *"Everybody Digs Bill Evans!", de Grant Gee
 *"Yellow Letters", de Ilker Çatak
 *"Josephine", de Beth de Araújo
 *"Salvation", de Emin Alper
 *"The Loneliest Man in Town", de Tizza Covi e Rainer Frimmel
 *"My Wife Cries", de Angela Schanelec
 *"Moscas", de Fernando Eimbcke
 *"A New Dawn", de Yoshitoshi Shinomiya

*"Nina Roza", de Genevieve Dulude-de Celles
 *"Queen At Sea", de Lance Hammer
 *"Rosebush Pruning", de Karim Aïnouz
 *"Rose", de Markus Schleinzner
 *"Soumsoum, La Nuit Des Astres", de Mahamat-Saleh Haroum
 *"À Voix Basse", de Leyla Bouzid
 *"We Are All Strangers", de Anthony Chen
 *"Wolfman", de Warwick Thornton
 *"YO Love Is A Rebellious Bird", de Anna Fitch e Banker White
 *"Nightborn", de Hanna Bergholm

curso na capital da Alemanha em 2014, com "Praia do Futuro", regressa com "Rosebush Pruning", que teve um time estelar em seu elenco: Pamela Anderson, Tracy Letts, Callum Turner, Riley Keough, Jamie Bell e Elle Fanning. "Esse é um filme de alma cearense, mesmo sem ser rodado no Ceará, e a inclusão dele e de outros filmes brasileiros no Festival de Berlim coroa o fato de estarmos enfim colhendo os frutos de tantos anos de trabalho, vendo o

Brasil ser reconhecido", avaliou o realizador nordestino.

Espécie de releitura do cult "De Punhos Cerrados" (1965), de Marco Bellocchio, o novo Karim acompanha os conflitos de uma família que luta contra doenças genéticas no coração de uma propriedade rural. Numa villa espanhola, os irmãos americanos Jack, Ed, Anna e Robert vivem isolados e desfrutam da fortuna que herdaram. Quando Jack decide ir morar com a namorada e Ed descobre

a verdade sobre a morte da mãe (papel de Pamela), a estrutura da família começa a desmoronar.

Cotado para concorrer ao Oscar pela fotografia de "Sonhos de Trem" (na Netflix), o paulista Adolpho Veloso integra a equipe de outro competidor: "Queen At Sea", de Lance Hammer. No enredo fotografado por Veloso, à medida que a demência avançada corrói a capacidade de uma mulher idosa (Anna Calder-Marshall) de comunicar a sua vida

interior, seu marido (Tom Courtney) e sua filha (Juliette Binoche) lutam para agir no seu melhor interesse, navegando pelas frágeis fronteiras entre cuidados, proteção e autonomia.

Entre as 22 produções na caça pelo Urso dourado, a América Latina se faz presente falando espanhol à moda mexicana em "Moscas", de Fernando Eimbcke, diretor de "Olmo" (2025). Sua protagonista, Olga (vivida por Terecita Sánchez) aluga um quarto a um homem cuja esposa foi internada num hospital próximo. No entanto, o homem tem um filho de 9 anos que ele tem levado às escondidas para o quarto, o que leva a que o mundo cuidadosamente controlado de Olga mude à medida que as suas vidas se entrelaçam.

Fã de animes, termo usado para designar desenhos do Japão, a Berlinale - cuja curadoria é comandada sob a direção artística de Tricia Tuttle - acolherá na briga por seus prêmios a fantasia "A New Dawn", de Yoshitoshi Shinomiya. Nessa mescla de fantasia e melodrama, o jovem Keitaro vive numa fábrica de fogos de artifício que está prestes a fechar. Ele está determinado a desvendar o mistério do Shuhari, um fogo de artifício mítico criado pelo seu pai antes de ele desaparecer sem deixar rasto - e lançá-lo antes que a fábrica feche.

Entre os 13 títulos da competição paralela Perspectivas, dedicada a estreantes, e também divulgada na terça, o Brasil cavou espaço para si à força da atriz e dramaturga mineira Grace Passô (da peça "Vaga Carne"), que dirige "Nosso Segredo", narrando os conflitos de uma família às voltas com a perda do patriarca. A estrela das Gerais já havia alcançado prestígio internacional no posto de protagonista do cult "Temporada" (2018).

Além de "Nosso Segredo" e dos longas de Beth e de Karim, nove outras produções brasileiras, dos mais diferentes cantos do país, já estão confirmadas para a 76ª Berlinale, sem contar os anúncios desta terça-feira. Na seção Generation, entraram "A Fabulosa Máquina do Tempo", de Eliza Capai; "Quatro Meninas", de Karen Suzane; "Feito Pipa", de Alan Deberton; e a animação "Papaya", de Priscilla Kellen.

No Fórum Expanded, Denilson Baniwa e Felipe M. Bragança levam "Floresta do Fim do Mundo" a telas germânicas. No Fórum, tem "I Built a Rocket Imagining Your Arrival", de Janaína Marques. Já no Panorama, comparecerão "Se Eu Fosse Vivo... Vivía", de André Novais Oliveira; "Isabel", de Gabe Klinger; e a coprodução paraguaia "Narcisco", de Marcelo Martinessi.

O longa de abertura da Berlinale será "No Good Men", da realizadora afegã Shahrbanoo Sadat, centrado nos conflitos de uma operadora de câmera de Cabul.



Divulgação

Buscando sentido no caos

Comédia dramática
'O Formigueiro' retorna aos palcos cariocas após temporada esgotada

A doença de Alzheimer não escolhe apenas um corpo para habitar. Quando se instala, transforma radicalmente toda uma estrutura familiar, seja pela redistribuição de papéis e hierarquias seja por expor feridas mal cicatrizadas. É dessa premissa que parte Thiago Marinho para construir "O Formigueiro", espetáculo que acaba de iniciar temporada no Teatro Firjan Sesi Centro, após esgotar

os ingressos da primeira temporada no Teatro Gláucio Gill.

A montagem não é sobre a enfermidade que só no Brasil atinge mais de 2 milhões de pessoas, segundo dados do Monistério da Saúde. Trata dos estilhaços que ela provoca nas relações de quem cuida, de quem assiste, de quem precisa se reinventar diante do apagamento progressivo de um ente querido, no caso a matriarca de uma família.

Escrita e dirigida por Marinho, com supervisão de direção

de João Fonseca e produção geral de Lucas Drummond, a montagem nasceu de uma experiência íntima do autor, que perdeu a avó em 2017 depois de acompanhá-la por dez anos convivendo com o Alzheimer. Mas o dramaturgo evitou o caminho mais óbvio do relato autobiográfico.

"A peça não é sobre a minha avó ou sobre alguém doente, mas sobre como os cuidadores mudam e os papéis dentro da família também vão mudando", explica Marinho. O que poderia resultar num drama pesado ganha, nas mãos do diretor, uma rara combinação de humor ácido e melancolia. "Não é pesado o tempo todo, existe muito humor na dor e no desespero. É mais engraçado do que triste", garante o dramaturgo e encenador.

A ação transcorre num único dia, durante os preparativos para o almoço de aniversário de Gilda, a mãe que já não reconhece plenamente os filhos. Victor, Joana e Luiz – interpretados por Lucas Drummond, Roberta Brisson e Rodrigo Fagundes – se reencontram nessa data protocolar, carregando cada um suas frustrações, ressentimentos e a exaustão de quem vive entre o luto antecipado e a obrigação de seguir em frente. A tensão latente entre os irmãos ganha um ingrediente ex-

“*Não é pesado o tempo todo, existe muito humor na dor e no desespero. É mais engraçado do que triste***”**

THIAGO MARINHO

plosivo com a chegada inesperada de Cláudio Márcio, vivido por Diego Abreu, cunhado envolto num escândalo de corrupção e foragido da polícia. O que poderia ser apenas mais um aniversário burocrático se transforma num acerto de contas com o passado, onde traumas antigos emergem e um segredo guardado há décadas vem à tona.

O título da peça remete ao formigueiro, espaço onde a rainha mantém a ordem, determina funções, garante a coesão do

grupo. Quando ela falha, o caos se instala e as formigas perdem o rumo até que uma nova liderança se estabeleça. Nas famílias, o processo não é diferente: quando a figura central enfraquece, os filhos precisam renegociar seus lugares, assumir responsabilidades que antes não eram suas, enfrentar rivalidades que estavam apenas adormecidas.

Thiago Marinho costura essas questões numa dramaturgia que não poupa os personagens – nem o público. "A peça se passa em uma cena única em que as situações vão degringolando", conta o diretor, apontando para uma construção dramática que privilegia a intensidade crescente, o desconforto que se acumula até o ponto de ruptura.

Lucas Drummond, que além de atuar assina a produção geral ao lado de Marinho, destaca a densidade dos personagens como um dos principais atrativos do texto. A parceria entre os dois vem de longas datas: juntos idealizaram e produziram "Tudo o que há flora" e escreveram, produziram e protagonizaram a peça infantojuvenil "O Pescador e a Estrela". Desta vez, Drummond encontrou em "O Formigueiro" um desafio de outra natureza. "O texto me encantou desde a primeira leitura. É o tipo de peça que faz brilhar os olhos de qualquer ator. Personagens bem escritos, profundos e humanos; uma dramaturgia surpreendente que transita entre o humor e o drama; e na temática, a união das relações familiares, uma questão universal, com o Alzheimer, a doença da contemporaneidade e que merece o olhar atento e delicado que a peça propõe", afirma o ator.

Ao abordar o Alzheimer pelo ângulo dos cuidadores e não do doente, Marinho toca em questões globais: o envelhecimento da população, a solidão dos idosos, a culpa dos filhos divididos entre a vida profissional e o cuidado com os pais, a mercantilização do afeto quando a família terceiriza o cuidado.

Mas o texto não cai na armadilha do didatismo ou da autoajuda disfarçada de teatro. Os personagens são falhos, egoístas, vulneráveis – reconhecíveis justamente porque não são heróis, apenas pessoas tentando sobreviver a uma situação que ninguém escolhe viver. A peça não oferece respostas fáceis nem redensões simplistas. Apenas o retrato honesto de uma família em desintegração, buscando sentido no caos.

SERVIÇO

O FORMIGUEIRO

Teatro Firjan Sesi Centro (Av. Graça Aranha, 1, Centro)
Até 4/2, de segunda a quarta (19h)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)



Divulgação



Governo do Estado do Amapá

Uma floresta chamada Mangueira

RAFAEL LIMA

A Estação Primeira de Mangueira escolheu olhar para o Norte do Brasil em 2026 e levar à Marquês de Sapucaí uma história profundamente simbólica. O enredo da escola tem como fio condutor a vida e o legado de Mestre Sacaca, figura central da cultura afro indígena do Amapá, reconhecido por seu conhecimento sobre ervas medicinais, práticas de cura e pela forma como compreendia a relação entre o ser humano e a floresta.

Mestre Sacaca foi um curador popular, benzedor e guardião de saberes ancestrais. Seu conhecimento, transmitido oralmente, atravessou gerações e ajudou a preservar práticas ligadas à medicina tradicional, à espiritualidade e à identidade cultural do povo amapaense. Para ele, a floresta não era cenário, mas tecnologia de proteção, um sistema vivo que cuidava das pessoas tanto quanto elas deveriam cuidar dela.

Esse é o ponto de partida do desfile verde e rosa. O carnavalesco Sidnei França explica que o desafio vai além da estética e passa pela construção de uma experiência sensorial completa. “Eu sempre digo que o carnavalesco é, antes de um propositor visual, um arquiteto de emoções. Eu tenho que projetar um momento que se conecte com a ambientação da Sapucaí, o arrebatamento do público, isso tudo linkado com a narrativa histórica espiritual que o enredo propõe em especial neste ano enredo sobre Mestre Sacaca, homem que viveu e dedicou o seu conhecimento às práticas de cura, ao entendimento da floresta como tecnologia de proteção aos indivíduos, en-

Verde e rosa transformará a Sapucaí em território de cura, memória e saberes afro-indígenas ao narrar a trajetória do curador amapaense Mestre Sacaca



Divulgação

Ensaio na quadra da Mangueira

tender o homem como natureza”, enumera a mente criativa por trás do desfile.

Ao levar Mestre Sacaca para a avenida, a Mangueira propõe uma inversão de olhar. Em vez de separar o homem da natureza, o enredo reforça a ideia de pertencimento. Essa

leitura guia todo o projeto artístico da escola, dos figurinos às alegorias.

Segundo Sidnei França, a missão do carnavalesco é traduzir sensações e memórias em imagem. “Nós temos o hábito sempre de apartar homem da natureza e Sacaca via como uma coisa só então a minha

missão primeira é ter a sensibilidade de colocar em materiais, em soluções estéticas, em cenografia, figurinos, a identidade de Mestre Sacaca, levando pro público uma imersão no ambiente afro indígena, nas práticas de cura, mas também na cultura negra que Sacaca tanto

propagou”, argumenta

A proposta visual se apoia em elementos orgânicos, naturais e simbólicos, criando uma leitura direta com os saberes tradicionais que marcaram a trajetória do homenageado.

No desfile, o conhecimento ancestral aparece costurado em cada detalhe. As fantasias se tornam extensão do enredo e ajudam o público a compreender, de forma visual, a dimensão da cultura afro indígena. “Nós temos fantasias com plantas, com ervas. Nós temos fantasias que fazem menção a chaleiras e bules com chás, infusões de cura. Nós temos fantasias com cascalhos, com sementes, enfim, justamente para o público da Sapucaí entender e se conectar com essa identidade afro indígena que Mestre Sacaca sempre defendeu”, afirma o carnavalesco.

Essa construção simbólica busca facilitar a leitura do desfile, aproximando o espectador de práticas que fazem parte do cotidiano de comunidades tradicionais, mas que raramente ganham espaço em grandes narrativas nacionais.

A concepção do enredo também dialoga com outras linguagens além da visual. Sidnei França destaca que o trabalho começa muito antes da avenida e se desdobra em várias camadas. “O meu trabalho inicial é justamente esse, é desde o ponto zero, desde os desenhos, desde as proposições estéticas iniciais através de impressões visuais, mas também impactar na área musical, todos os sons, todas as texturas, todas as cores e até mesmo os aromas”, antecipa Sidnei, acrescentando que a ideia é que o desfile não seja apenas visto, mas sentido.

A geografia e a cultura do Amapá aparecem de forma direta em diferentes momentos do desfile. Um dos carros alegóricos faz referência ao Oiapoque, município mais ao norte do Brasil, carregado de simbolismo histórico e cultural. “Diversos elementos específicos da cultura afro indígena amapaense serão apresentados no desfile da Mangueira. Por exemplo, nós temos em um dos carros alegóricos uma menção muito forte ao Oiapoque. Vamos utilizar grafismos, simbologias que foram herdadas e ensinadas pelos indígenas e que formam a identidade do próprio estado do Amapá”, explica Sidnei.

Outro destaque é a presença do Marabaixo, manifestação cultural considerada uma das mais representativas do estado. “Também a estética do Marabaixo, envolvendo tradições religiosas, ligações culturais através de caixas e tambores, a dança, as estampas dos trajes. Toda essa decodificação de signos amapaenses estará na Sapucaí com a Mangueira”, revela o carnavalesco.

“O público pode esperar da Estação Primeira de Mangueira um desfile arrebatador no sentido de representar as tradições afro-indígenas do estado do Amapá na figura de Mestre Sacaca. Será um grande espetáculo”, aposta Sidnei.